

## Criança doente e escolarização

Eneida Simões da Fonseca<sup>1</sup>

A doença não é impedimento para que o indivíduo continue aprendendo e se desenvolvendo mesmo que determinadas enfermidades limitem temporária ou permanentemente o organismo (SOUZA et al., 2008). Entretanto, há estratégias e metodologias que podem ser utilizadas para minimizar ou neutralizar tais limitações para que os processos de desenvolvimento e de aprendizagem se mantenham ativos e se construa conhecimento (RABELO, 2021). O acompanhamento da escolaridade de quem esteja doente assim se justifica, favorecendo a que ela/ele não apresente sequelas que possam comprometer o interesse e o desempenho em sua vida acadêmica.

Especificamente, estamos falando da escola no contexto da doença e que, de acordo com o que preconiza o Ministério da Educação (BRASIL, 2001; 2002) se denomina como classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar. Em geral, os hospitais contatam as redes de ensino para que implantem e implementem o atendimento escolar de seus pacientes. Assim, a rede de ensino voluntariamente, ou em decorrência das demandas das famílias, da escola de origem da criança doente, de hospitais e/ou casas de apoio, disponibiliza essa modalidade de ensino. É importante salientar que há grande variação na oferta desse serviço à clientela doente por depender da realidade de organização, estrutura e funcionamento de cada rede de ensino.

Do ponto de vista histórico, há registros de que já no Brasil Colônia (em 1.600), existia atendimento escolar para aqueles com deficiência física na Santa Casa de Misericórdia em São Paulo (CAIADO, 2003). Segundo Meira (1971), o atendimento

---

<sup>1</sup> Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com experiência em ensino e pesquisas sobre criança doente e escolarização nos anos iniciais.

## VERBETES

escolar localizado no, hoje denominado, Hospital Municipal Jesus, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), iniciou suas atividades em 1950 e pode ser considerado o mais antigo em funcionamento ininterrupto. Tais atendimentos se tornaram mais efetivos tendo sido alavancados pela promulgação da Constituição Cidadã (BRASIL, 1988), da legislação de Educação (BRASIL, 1996) e de documentos específicos para o atendimento escolar do doente (BRASIL, 2001; 2002). Assim, os hospitais passam a organizar a rotina hospitalar com vistas a garantir outros direitos e, no caso dos doentes, o direito ao acompanhamento escolar. Os órgãos educacionais implementam mudanças para que professores possam atuar no ambiente hospitalar (enfermaria e/ou ambulatório), assim como no domicílio ou nas casas de apoio onde o doente se encontra.

É importante salientar que as nomenclaturas utilizadas para denominar o atendimento escolar do doente são diversas assim como a forma como são interpretadas e, nesse sentido, o atendimento escolar ao doente apresenta diversas nuances que, muitas vezes descaracterizam a função docente e o papel da escola na vida desse alunado. Valendo-se do que consta dos documentos legais (BRASIL, 2001; 2002), detalhamos, a seguir, as terminologias em uso e que estão diretamente ligadas à garantia do direito de escolaridade para esta cliente em particular.

O termo CLASSE HOSPITALAR (ou escola hospitalar) se refere ao atendimento escolar que é oferecido às crianças e jovens doentes, com ou sem deficiências, durante o período em que estejam hospitalizados ou em tratamento ambulatorial. Esta modalidade de ensino visa garantir o acesso e a continuidade da escolarização aos estudantes da Educação Básica que estejam afastados do ambiente escolar devido enfermidades.

O ATENDIMENTO PEDAGÓGICO DOMICILIAR (ou atendimento escolar domiciliar) pode ocorrer enquanto a criança ou jovem doente esteja em seu próprio domicílio ou numa casa de apoio para pacientes que tenham uma determinada doença. Quando não há necessidade de internação hospitalar, a manutenção do doente em casa reduz a possibilidade de infecções já que muitas doenças têm como

## VERBETES

característica o comprometimento das defesas orgânicas. Assim, se a criança estiver com problemas de imunidade, evitar contato com outras pessoas e cuidar da higienização dos materiais escolares são aspectos importantes para tanto o professor quanto o familiar estarem atentos.

Aqui também é pertinente se referir ao papel do profissional de educação que atua como docente junto ao alunado doente. Trata-se de um professor concursado da rede de ensino, ou por ela contratado, para desenvolver atividades pedagógico-educacionais com a clientela doente esteja ela no hospital, no domicílio ou em casas de apoio. Cabe ao docente: dominar os conteúdos a ensinar da etapa de ensino em que estejam seus alunos, assim como utilizar metodologias, estratégias e didáticas que auxiliem na construção de conhecimento sobre os conteúdos trabalhados; acompanhar os processos de desenvolvimento e de aprendizagem de seus alunos; manter contato com o professor da escola de origem da criança; e, trocar informações com os profissionais de saúde e o familiar para melhor entender a situação da criança e formular estratégias mais assertivas para que o atendimento escolar seja efetivo. Os professores envolvidos nesse atendimento devem ter o olhar voltado para as necessidades e interesses do estudante, considerando as particularidades da doença e respeitando cada contexto.

### Referências:

BRASIL. Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. Brasília: MEC/SEESP. 35p. 2002.

BRASIL. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Resolução CNE/CBE no.2. de 11/09/01. Diário Oficial da União no. 177, seção 1E de 14/09/01. p.39-40. Brasília-DF: Imprensa Oficial. 2001.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei no. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Imprensa Oficial. 1996.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial. 1988.

## VERBETES

CAIADO, Katia Regina Moreno. O trabalho pedagógico no ambiente hospitalar: um espaço em construção. In. RIBEIRO, Maria Lucia Sprovieri; BAUMEL, Regina Cecília Rocha de Carvalho (orgs.) Educação Especial: do querer ao fazer. p.71-80. São Paulo: Avercamp. 2003.

MEIRA, Deyler Goulart. Classes especiais. p. 241-250. In. Meira, D. G. Hospital Jesus: subsídios à sua história. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Laemmert S.A. 1971.

RABELO, Andreia. Como lidar com alunos com dificuldade de aprendizagem? Disponível em: <https://www.matific.com/bra/pt-br/home/blog/2021/09/24/como-lidar-com-alunos-com-dificuldade-de-aprendizagem/>. 2021

SOUZA, Mirian Carvalho de; OTERO, Ubirani Barros; ALMEIDA, Liz Maria de; TURCI, Silvana Rubano Barretto; FIGUEIREDO, Valeska Carvalho; LOZANA, José de Azevedo. Auto-avaliação de saúde e limitações físicas decorrentes de problemas de saúde. Revista de Saúde Pública. n.42(4). Agosto 2008. Disponível em: • <https://doi.org/10.1590/S0034-89102008005000029>. 2008